



doi:10.14211/regepe.v6i1.450

EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL: GÊNESE E FORMAÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA

Recebido: 25/07/2016

Aprovado: 20/11/2016

¹ Fernando Antonio Prado Gimenez

² Jane Mendes Ferreira

³ Simone Cristina Ramos

RESUMO

Os primeiros estudos sobre empreendedorismo feminino no Brasil surgiram no final dos anos 1990. Desde então o tema tem sido tratado em um número crescente de artigos publicados nos periódicos brasileiros. Nesse sentido, o presente artigo apresenta os resultados de um estudo revisional da literatura brasileira sobre o tema. O objetivo desta pesquisa foi apresentar a dinâmica de surgimento e formação desse campo no Brasil evidenciando sua gênese, abordagens de pesquisa, temas considerados e resultados. A busca dos trabalhos sobre empreendedorismo feminino publicados no Brasil foi feita em várias fontes de informação, revelando 56 artigos entre 2000 e 2015. A análise dessa produção permitiu sua classificação em três grupos: análises conceituais e proposições teóricas; estudos qualitativos; e estudos quantitativos. A contribuição deste artigo centra-se na identificação da gênese da temática empreendedorismo feminino no Brasil e descrição de resultados mais significativos nesse campo. Por fim, o texto se encerra apontando sugestões de estudos futuros, bem como a necessidade de uma sistematização teórica acerca do empreendedorismo feminino no Brasil.

Palavras-chave: Gênero; Empreendedorismo Feminino; Bibliografia; Estudos Brasileiros.

¹Doutor pela Manchester Business School - University of Manchestere – UM, (Grã-Bretanha). Professor Titular do Departamento de Administração Geral e Aplicada da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Brasil. E-mail: fapgimenez2009@hotmail.com

² Doutora em Administração pela Universidade Positivo – UP, Curitiba, Paraná, (Brasil). Professora da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Brasil. E-mail: janemff@yahoo.com.br

³ Doutora em Administração pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, (Brasil). Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná. E-mail: simone.crisr@gmail.com



FEMALE ENTREPRENEURSHIP IN BRAZIL: GENESIS AND FORMATION OF A RESEARCH FIELD

ABSTRACT

The first studies about female entrepreneurship in Brazil emerged in the late 1990s. Since then, the subject has been the object of study in a growing number of articles published in Brazilian journals. In this line, this article presents the results of a review of Brazilian literature on the subject. The aim of this study was to present the dynamics of the emergence and formation of this field of study in Brazil, highlighting its genesis, research approaches, study themes and results. The search for the works on female entrepreneurship published in Brazil was made in several sources of information, revealing 56 articles between 2000 and 2015. The analysis of this set of papers allowed its classification into three groups: conceptual analyses and theoretical propositions; qualitative studies; and quantitative studies. The contribution of this article focuses on the identification of the genesis of studies on female entrepreneurship in Brazil and a description of the main results of the most significant studies in this field. Finally, the text closes pointing to suggestions for future studies, as well as the need for a theoretical systematization about female entrepreneurship in Brazil.

Keywords: Gender; Female Entrepreneurship; Bibliography; Brazilian Studies.



INTRODUÇÃO

Estudos sobre empreendedorismo no Brasil têm sido cada vez mais frequentes. Embora seja possível encontrar estudos realizados no século passado (Bresser Pereira, 1964; Marcovitch, Santos, & Dutra, 1986; Santos, 1984), é a partir dos anos 2000 que o tema parece ter atraído mais fortemente a atenção dos pesquisadores brasileiros. Evidência disso é que, em busca realizada em três bases de dados (SPELL, SCIELO.BR e GOOGLE Acadêmico), no ano de 2016, foram encontrados pouco mais de 1.000 textos publicados em 307 periódicos brasileiros.

A dinâmica do interesse da academia brasileira sobre empreendedorismo demonstra que a produção anual tem crescido nos últimos cinco anos. Isso porque pôde ser verificado que, entre 2011 e 2015, foram publicados 58,6% dos textos localizados, representando crescimento de 94% em relação aos cinco anos anteriores (2006-2010) nos quais foram publicados 30,2% da produção. Entre 2001 e 2005, foram encontrados 8,7% dos artigos sobre empreendedorismo. Antes de 2001 foram localizadas apenas 26 publicações, o que pode ser atribuído interesse ainda em consolidação da academia brasileira sobre o tema.

Na literatura localizada no período, pôde ser encontrada uma diversidade de abordagens e temas de estudo. As preocupações iniciais do campo no Brasil estiveram centradas no entendimento de atributos e características dos empreendedores. Mais recentemente, no entanto, os temas investigados se ampliaram. Entre os mais estudados, encontram-se questões relacionadas a competências e práticas empreendedoras, a educação para o empreendedorismo, empreendedorismo sustentável e empreendedorismo feminino.

O empreendedorismo feminino aparece na literatura estrangeira há mais tempo se comparado com as pesquisas no Brasil (Allen, & Truman, 1993; Bowen, & Hisrich, 1986; Carter, & Cannon, 1992; Cromie, & Hayes, 1988). Isso porque os primeiros estudos sobre o tema datam de meados da década de 1970, crescendo significativamente na década seguinte (Gomes *et al.*, 2014).

Tais estudos tiveram seu início associado a uma preocupação com a motivação, características de personalidade e perfil das empreendedoras, bem como as dificuldades enfrentadas por elas na criação de suas empresas. Ao longo do tempo, o foco foi se voltando para outros aspectos, com destaque para: as competências e



comportamentos da mulher empreendedora; o processo de criação das empresas e fatores intervenientes para seu desenvolvimento e desempenho; e as peculiaridades no acesso ao crédito e capital de risco enfrentadas por empreendedoras (Moore, & Buttner, 1997; Gomes *et al.*, 2014; Poggese, Mari, & De Vita, 2015).

Nesse contexto de crescente interesse e ampliação do foco dos estudos sobre empreendedorismo feminino, este artigo apresenta os resultados de um estudo revisional da literatura brasileira sobre o tema. O objetivo do estudo foi apresentar a dinâmica de surgimento e formação desse campo de estudo no Brasil evidenciando sua gênese, abordagens de pesquisa, temas de estudo e resultados.

Com essa finalidade, o texto é composto de três seções adicionais a esta introdução. Na próxima seção apresentam-se os procedimentos de busca realizados para localizar a produção brasileira sobre empreendedorismo feminino. Na seção seguinte, são descritos os estudos mais relevantes e de maior contribuição para o entendimento do empreendedorismo feminino no Brasil. Por fim, conclui-se o artigo com considerações sobre o campo analisado e sugerem-se estudos futuros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em função do obtivo deste artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Nela, o pesquisador faz o levantamento de material publicado, permitindo verificar informações e o conhecimento acumulado sobre dado tema (Gerhardt, & Silveira, 2009).

Para empreender uma pesquisa bibliográfica, foram eleitos três parâmetros para a composição do conjunto de artigos analisados: fontes, linguístico e de termos. Um parâmetro geralmente utilizado neste tipo de pesquisa é o temporal, pois ajuda a limitar um certo período de tempo. No entanto, não foi feita tal tipo de restrição, pois a intenção foi localizar a maior quantidade possível de publicações.

O parâmetro linguístico permitiu limitar a escolha a trabalhos escritos na língua portuguesa e inglesa. Este último fez parte da seleção em função de ser o idioma escolhido por periódicos nacionais para a divulgação dos trabalhos publicados.

Em relação aos termos escolhidos, foram eleitos: Empreendedorismo feminino; Empreendedorismo e gênero; Mulher(es) empreendedor(as); Criação de empresas e gênero; e Criação de negócios e gênero. No caso da SPELL (Scientific



Periodicals Electronic Library), os termos foram buscados nos índices de Título de Documento, Resumo e Palavras-chave e fez-se a restrição de tipo de documento para Artigo. Para a busca na SCIELO.BR (*Scientific Electronic Library Online*) foram utilizados os mesmos termos nos índices Palavras do Título, Assunto e Resumo, sem restrição de tipo de documento.

Em relação às fontes, foi estabelecido que elas deveriam ter caráter científico e representar a produção científica brasileira sobre o tema pesquisado. A pesquisa com as fontes foi feita em etapas. A primeira etapa foi a busca em duas bases representativas: a SPELL (www.spell.org.br) e a SCIELO.BR (www.scielo.br). Os parâmetros elencados permitiram encontrar 35 artigos na SPELL e 24 artigos na SCIELO.BR.

O passo seguinte, após eliminar as duplicidades, foi selecionar os trabalhos que de fato tratavam de qualquer aspecto relacionado ao empreendedorismo feminino. Foram eliminados artigos que abordavam apenas aspectos de gestão de empreendimentos conduzidos por mulheres. Esta decisão guiou-se pela distinção necessária entre empreendedorismo e gestão de empresas. Defende-se aqui que o empreender está associado à criação de novas empresas ou outras formas de organização, ao passo que a gestão se refere a um processo que visa à consolidação e permanência da organização em atividade. Embora, empiricamente não seja trivial fazer esta distinção, os textos que se referiam exclusivamente a aspectos de gestão de empresas por mulheres foram excluídos da análise. Dessa forma, chegou-se a um conjunto de 30 artigos.

Um levantamento preliminar permitiu identificar os pesquisadores que tinham pelo menos dois artigos publicados no tema. Esse levantamento foi relevante para proceder com a segunda etapa, na qual foram consultados os currículos lattes desses pesquisadores para a busca de outros artigos publicados sobre o empreendedorismo feminino que não tivessem sido localizados na primeira busca. Nesta fase, foram encontrados 10 artigos adicionais, resultando em 40 trabalhos publicados.

A terceira etapa da busca foi feita pela análise das referências bibliográficas citadas em cada um dos 40 artigos selecionados. Nessa fase foram encontrados mais seis artigos. Por fim, foi feita uma busca adicional no Google Acadêmico (www.scholar.google.com.br) com os termos Empreendedorismo feminino; Mulher(es) empreendedora(s) e Empreendedorismo e gênero. Mais 12 artigos foram localizados.



Essa produção começou a vir a público no formato de artigos em periódicos brasileiros, no ano 2000, quando foram publicados dois trabalhos. No esforço de leitura integral dessa produção, decidiu-se por excluir da análise o texto de Peñaloza, Diógenes e Souza (2008), visto que o foco foi sobre intenção empreendedora de estudantes de administração segregados por gênero. Embora o estudo realizado por essas autoras seja relevante, não tratou de empreendedoras de fato, razão de sua exclusão. Da mesma forma, após a leitura integral do texto de Zampier *et al.* (2011) este não foi considerado nesta análise da literatura por abordar o fenômeno de intraempreendedorismo a partir da análise qualitativa da experiência de onze professoras de pós-graduação na cidade de Curitiba. Na revisão que é aqui apresentada optou-se por tratar apenas de estudos com empreendedoras, ou seja, mulheres que tenham sido criadoras de uma organização de qualquer natureza.

Alguns dos artigos foram excluídos da descrição que se faz a seguir da gênese e formação do campo de pesquisa sobre empreendedorismo feminino. Sua exclusão baseou-se na limitada contribuição que trouxeram para o entendimento do tema. Entre os aspectos que levaram a essa exclusão encontram-se deficiências de redação, métodos inadequados aos objetivos propostos ou limitações da análise de resultados e conclusões. Assim, dezessete textos não foram analisados.

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

A base de artigos analisados para descrever o campo de estudos do empreendedorismo feminino no Brasil totalizou 56 trabalhos. Como se pode perceber na Tabela 1, o tema apresenta uma tendência de crescimento enquanto objeto de estudo, especialmente a partir de 2011. Nos últimos cinco anos, houve a disseminação de 55,3% da produção científica sobre empreendedorismo feminino no Brasil.

Período	Artigo	%
2000-2005	9	16,1
2006-2010	16	28,6
2011-2015	31	55,3

Tabela 1: Número de artigos sobre empreendedorismo feminino (2000-2015)
Fonte: dos autores (2016)



Os trabalhos que foram localizados tiveram sua disseminação em 45 periódicos, dos quais a maioria publicou apenas um artigo sobre a temática no período. Somente em oito periódicos foram encontrados dois ou mais textos sobre empreendedorismo feminino. Estes podem ser visualizados na Tabela 2. Estes dados indicam que, embora o tema do empreendedorismo feminino tenha conseguido penetração expressiva, não há ainda uma presença frequente do assunto na maioria dos periódicos brasileiros.

Periódico	Artigos
Caderno de Administração UEM	4
Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas	3
RAC-eletrônica	2
Revista Alcance	2
Revista de Administração Contemporânea	2
Revista de Administração FACES Journal	2
Revista de Administração Pública	2
Revista de Gestão USP	2

Tabela 2: Periódicos brasileiros com maior número de artigos sobre empreendedorismo feminino
Fonte: dos autores (2016)

Esta produção foi realizada por 117 pesquisadores, dos quais apenas 11 publicaram pelo menos dois textos. A pesquisadora que teve maior número de publicações foi Hilka Pelizza Vier Machado, com quinze artigos. Depois, Eva Jonathan e Rivanda Meira Teixeira com três trabalhos. Por fim, houve oito estudiosos de empreendedorismo feminino que publicaram dois textos. Na Tabela 3 podem ser visualizados os pesquisadores brasileiros com maior produção no campo do empreendedorismo feminino.

Essa dispersão da produção sugere que o empreendedorismo feminino, exceto no caso da primeira pesquisadora, não se firmou como um tema ou linha de pesquisa regular para a maioria dos pesquisadores e pesquisadoras sobre o assunto. Parece que a maioria dos autores se aproxima do campo de forma eventual, o que pode significar que o empreendedorismo feminino seja um tema marginal em sua produção e não principal. Esta característica da demografia de autoria pode ser considerada um desafio para o amadurecimento deste campo de estudos, pois autores continuativos são relevantes para a sustentação, continuidade e o



crescimento da produção em torno a uma temática (Guarido Filho, Machado-Da-Silva, & Gonçalves, 2009). Um aspecto que se revelou na análise dessa produção foi o fato de que este campo de estudo tem uma presença feminina altamente majoritária entre seus estudiosos. Foram encontradas 98 mulheres, ou seja, 83,8% dos autores, e apenas 19 homens.

Nome	Artigos
Hilka Vier Machado	15
Eva Gertrudes Jonathan	3
Rivanda Meira Teixeira	3
Almiralva Ferraz Gomes	2
Amelia Silveira	2
Anna Beatriz Cautela Tvrzká de Gouvêa	2
Dayane Yoshie M. Palhano	2
Eloy Eros Silva Nogueira	2
Gislaine Viera de Barros	2
Jane Mendes Ferreira	2
Marcos Ferreira de Jesus	2

Tabela 3 – Pesquisadoras(es) com maior número de artigos publicados no campo do empreendedorismo feminino⁴
Fonte: os autores (2016)

Há um conjunto limitado de estudos e publicações anteriores que foram referenciados neste conjunto de textos. Entre os autores clássicos, há referências a obras de Joseph Schumpeter, David Mclelland e Peter Drucker. Entre autores estrangeiros mais recentes, apenas livros de Robert Hisrich e Michael Peters foram referenciados em vários textos. Por fim, dois autores brasileiros estão entre os mais citados na literatura brasileira sobre empreendedorismo feminino: Fernando Dolabela e José Dornelas.

A utilização de artigos brasileiros sobre empreendedorismo feminino como referência para outros estudos ainda é incipiente. Entre os 56 artigos analisados, apenas 19 foram citados nos demais. Na contagem das citações foram excluídas as autocitações, ou seja, referências em que pelo menos um dos autores citados era

⁴ Pesquisadores brasileiros têm publicado textos sobre empreendedorismo feminino fora do Brasil. Mas estes ainda são em pequeno número e não estão incluídos nesta análise em função do objetivo deste artigo estar centrado na produção publicada em periódicos brasileiros. Uma busca no currículo lattes dos pesquisadores encontrou quatro artigos: Machado *et al.* (2002); Gomes, Silva e Santana (2005), Nassif *et al.* (2012); e Bulgacov *et al.* (2014).



coautor do trabalho. O total de citações a artigos brasileiros foi de 49, com destaque às seguintes autoras: Hilka Vier Machado com treze citações; e Eva Gertrudes Jonathan com dez. Na Tabela 4 estão as referências que foram encontradas nos textos analisados.

Artigos	Citações
Machado <i>et al.</i> , 2003	10
Jonathan, 2005	6
Natividade, 2009	5
Lindo <i>et al.</i> , 2007	4
Jonathan; Silva, 2007	4
Gomes, 2004	2
Cramer <i>et al.</i> , 2012	2
Jonathan, 2011	2
Ferreira; Nogueira, 2013	2
Machado; Jesus, 2010	2
Vale; Serafim; Teodósio, 2011	2
Bulgacov <i>et al.</i> , 2010	1
Lages, 2005	1
Silveira; Gouvêa, 2008	1
Lima; Freitas, 2010	1
Machado, 2000	1
Machado, 2006	1
Silva, 2006	1
Strobino; Teixeira, 2014	1

Tabela 4 – Artigos referenciados e número de citações
Fonte: Os autores (2016)

A GÊNESE DO CAMPO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

Antes de 2000, não foram localizados trabalhos publicados na forma de artigos científicos. Uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (www.bdttd.ibct.br) e no Banco de Teses da CAPES (www.bancodeteses.capes.gov.br) revelou que a primeira tese de doutorado sobre o tema foi de Machado (2002). Esta tese foi citada em seis artigos sobre o tema.

Antes disso, apenas um trabalho apresentado em congresso científico, também foi referenciado em seis dos artigos analisados. Neste texto, Gimenez,



Machado e Biazin (1998) apresentaram um estudo descritivo sobre empreendedoras no setor de confecções em uma cidade do norte do Paraná. Talvez, este seja o primeiro texto brasileiro a abordar a questão do empreendedorismo feminino. No ano seguinte, em outro evento científico nacional, conforme observado por Gomes *et al.* (2014), foi apresentado o trabalho de Machado (1999).

A seguir, descrevem-se os quatro artigos publicados entre 2000 e 2003 que são de autoria de Hilka Machado e Eva Jonathan considerados os iniciadores dos esforços de divulgação de estudos sobre mulheres empreendedoras em periódicos brasileiros. Entre os quatro, Machado *et al.* (2003) e Jonathan (2005) foram objeto do maior número de citações entre os demais artigos analisados.

Utilizando dados coletados em entrevistas semiestruturadas com sete empreendedoras de cinco cidades do Paraná, Machado (2000a), usando a abordagem de estudo de casos, explorou as seguintes dimensões do exercício do papel empreendedor: conhecimento da atividade; conflitos e dificuldades vivenciados na atividade; apoio para atuar como empreendedora; renúncias ou barganhas vinculadas ao exercício da atividade empreendedora; e o papel empreendedor vivido (p. 78). Todas as empreendedoras tinham pelo menos cinco anos de atividade e tinham sido as criadoras de seus empreendimentos. Os ramos de atividade foram diversos, envolvendo comércio, serviços e indústria.

Os resultados evidenciaram que:

[...] o papel empreendedor requer uma intensa dedicação, tanto em termos de horas de trabalho quanto em termos de esforço pessoal. O sucesso teve recompensas, mas teve seu preço, [...] conflitos nos relacionamentos tanto com cônjuges, filhos, como em seu grupo étnico [...] algumas barganhas foram feitas [...] a culpa pareceu acompanhar a trajetória dessas mulheres [...] necessidade de apoio emocional pareceu ser mais intensa nos momentos de crescimento da empresa [...] forte interação com o trabalho e [...] buscaram sempre conciliar trabalho e família (Machado, 2000a: 85).

Machado (2000b) descreveu um estudo decorrente do primeiro com adição de mais duas empreendedoras, totalizando nove empreendedoras. Nesse segundo trabalho foram descritas as percepções das empreendedoras sobre sucesso e fracasso empresarial, autopercepção empresarial e modelos de referência positivos e negativos. Estas desenvolviam suas atividades empresariais em cinco cidades paranaenses: Maringá, Londrina, Curitiba, Foz do Iguaçu e Ponta Grossa.



O estudo revelou algumas diferenças associadas ao tempo de atividade empresarial. A concepção de sucesso para as de menor tempo de atividade empresarial relacionou-se a dinheiro e atingimento de metas como indicadores de sucesso, por outro lado, as mais antigas na atividade empresarial se referiram mais a questões afetivas, tais como uma vida equilibrada com família e amigos (Machado, 2000b: p. 32). Também a percepção de fracasso foi diferenciada entre os dois grupos. Para as mais experientes, fracasso está associado a questões objetivas como, por exemplo, não ser capaz de pagar contas. As mais novas ligam o fracasso ao excesso de individualismo. Em comum, as empreendedoras revelaram a necessidade da integração do trabalho à vida pessoal, buscando a conciliação das duas esferas da vida (Machado, 2000b: p. 33).

O processo de criação de empresas por mulheres brasileiras, canadenses e francesas foi objeto de análise descritiva de Machado *et al.* (2003). No referido artigo, as autoras apresentam os resultados de pesquisa feita com uma amostra de 90 empreendedoras, sendo 30 de cada país, que responderam a questionário envolvendo as razões que motivaram a criação das empresas, os fatores que antecederam à decisão de empreender, origens do capital inicial e constituição jurídica dos empreendimentos. Os critérios de inclusão das participantes da amostra, que não foi aleatória, exigiam que as mulheres tivessem sido as fundadoras e detivessem ao menos 50% do capital social da empresa. Em cada país, foram selecionadas dez empresas industriais, dez comerciais e dez prestadoras de serviço.

No estudo, não houve a análise de correlações entre as informações obtidas, ficando restrita à descrição de frequência de respostas para as diferentes alternativas. A síntese dos resultados do estudo aponta que: a principal motivação para abrir a empresa foi a realização pessoal, seguida pela identificação de oportunidade de mercado e dificuldades relacionadas à ocupação anterior; 70% das respondentes tiveram pais ou mães empreendedoras, tinham experiência prévia em emprego anterior, média de nove anos, e 80% estavam empregadas antes de abrirem a empresa; e, quanto à forma de criação das empresas, a maioria a fez sob a forma de sociedade com familiares ou amigos, utilizando-se de economias pessoais, no caso das brasileiras e canadenses, e empréstimos bancários, no caso das francesas (Machado *et al.*, 2003: p. 13-14).



Na vertente da psicologia, Jonathan (2005: p. 375) examinou como o exercício da ação empreendedora se relaciona a ganhos e custos psicológicos refletindo no bem-estar subjetivo e percepção de qualidade de vida, considerando, também, a multiplicidade de papéis exercidos pela mulher. O estudo de natureza qualitativa, orientado pela análise do discurso, teve como fonte de dados entrevistas com 49 empreendedoras cariocas que aderiram a um convite para participar da pesquisa. Estas atendiam aos seguintes requisitos: *posse de uma empresa não franqueada e em atuação no mercado há pelo menos um ano; significativa participação acionária no empreendimento; envolvimento ativo no dia a dia da empresa; e desempenho de função de liderança administrativa e/ou técnica*. Além das entrevistas, as empreendedoras informaram dados pessoais e das empresas e preencheram um instrumento destinado a mensurar a percepção subjetiva de qualidade de vida.

A análise das informações foi centrada na identificação de medos, preocupações e fontes de satisfação e insatisfação. De maneira geral, os resultados indicaram que o empreendedorismo é fonte de satisfação para as mulheres e estas percebem que têm uma boa qualidade de vida. Além disso, foi possível observar que as empreendedoras se mostram autoconfiantes e têm alto grau de comprometimento com suas empresas. No entanto, mostraram-se preocupadas com o possível crescimento da empresa, a situação geral do país em termos sociais e políticos, além da satisfação dos clientes. Por fim, as principais fontes de satisfação com o papel empreendedor foram a autorrealização, o exercício da criatividade e a autonomia, enquanto que a qualificação dos funcionários e o retorno financeiro da empresa foram as principais fontes de insatisfação (Jonathan, 2005: p. 376-379).

Frente ao exposto é possível afirmar que a gênese dos estudos sobre empreendedorismo feminino no Brasil está associada a estudos voltados principalmente à compreensão das motivações, dificuldades e percepções das mulheres sobre o exercício do papel empreendedor na sociedade e seus resultados, seja do ponto de vista pessoal, organizacional ou social.

Nas próximas três seções estão sintetizados os demais trabalhos que abordaram o tema do empreendedorismo feminino entre 2002 e 2015. Estes foram separados em três grupos: análises conceituais e proposições teóricas, estudos qualitativos e estudos quantitativos.



ANÁLISES CONCEITUAIS E PROPOSIÇÕES TEÓRICAS

Apenas dois estudos foram localizados com discussões mais gerais sobre o campo do empreendedorismo. No entanto, os trabalhos relatados não são muito aprofundados e apresentam análises ainda incipientes e pouco elaboradas do ponto de vista conceitual sobre o empreendedorismo feminino no Brasil.

Em Machado, Palhano e Barros (2002) encontra-se uma descrição e comparação entre tipologias encontradas na literatura que descrevem empreendedores, em geral, e empreendedoras, especificamente. As autoras apontam para o fato de que as tipologias de mulheres empreendedoras são mais recentes, refletindo o olhar mais recente para o fenômeno do empreendedorismo feminino quando comparado com o masculino. Em ambos os tipos de tipologia, no entanto, o foco está no indivíduo que empreende e não no tipo de empreendimento. O texto tem caráter informativo, citando onze tipologias gerais e quatro para empreendedoras.

Em uma breve reflexão, Lages (2005) chama à atenção para os estereótipos culturais que colocam a mulher em papel secundário no que diz respeito ao mundo do trabalho, atrelando-as muito fortemente ao âmbito doméstico. Em sua opinião, a superação de barreiras ao empreendedorismo feminino, em especial de mulheres pobres, passa, em primeiro lugar, por transformações culturais que permitem o reconhecimento da potencialidade feminina nesse campo. Além disso, as práticas de apoio e suporte financeiro oficiais reproduzem esses estereótipos ao criarem dificuldades adicionais que tornam quase impossível às mulheres pobres se beneficiarem destas transformações, devendo, portanto, serem alteradas. Assim, sugere a autora, somente após estas alterações *pode-se pensar em mulheres pobres e desenvolvimento sustentável* (2005: p. 6).

ESTUDOS QUALITATIVOS

Oliveira *et al.* (2004) relatam estudo múltiplo de casos que objetivou descrever como ocorre a inserção das mulheres no empreendedorismo e a percepção que têm da relação empresa-família. Para esse fim, as autoras entrevistaram dez empreendedoras do ramo de confecções filiadas ao sindicato da Indústria do Vestuário de Maringá. A análise das entrevistas revelou que desde o início do



empreendimento está presente uma concorrência com a família, que parece surgir da descrença de familiares quanto às chances de sucesso. Ao longo do tempo, situações de conflito ocorrem, mas há a tendência das empreendedoras buscarem um equilíbrio do tempo dedicado à família e à empresa. Com o crescimento das empresas, muitas empreendedoras buscam apoio nos cônjuges e filhos que, na idade adulta, passam a colaborar na gestão da empresa. Este crescimento, na opinião das mulheres que empreendem, decorre da dedicação ao trabalho, do fazer o que gosta e bom atendimento ao cliente (2004: p. 53-58).

Em Lunardi e Almeida (2006) encontra-se um estudo sobre o envolvimento de mulheres em atividades de turismo rural na região de Campos de Cima da Serra no Rio Grande do Sul. Oito empreendedoras participaram de entrevista sobre o perfil empreendedor, características da propriedade e da atividade turística e relações econômicas e de trabalho. Os resultados apontaram para a presença de uma multifuncionalidade da mulher, desempenhando as atividades empresariais e domésticas, transformando o espaço doméstico em âmbito de trabalho. Além disso, foi observado que o turismo se transformou na principal atividade econômica das propriedades, fazendo com que a produção agrícola assumisse um caráter econômico complementar.

Em uma perspectiva interpretativista, Machado (2006) investigou a expressão emocional no exercício da atividade empreendedora de quinze mulheres brasileiras e canadenses. As informações coletadas por meio de entrevistas permitiram que a pesquisadora construísse cinco categorias de análise.

Na primeira, *autogerenciamento de emoções*, foi descrita a forma que as empreendedoras utilizaram para a construção de emoções positivas visando projetar uma imagem de seu papel e atrair a atenção de seus colaboradores para si. Em uma segunda dimensão, *exercício da atividade gerencial*, surgiram sentimentos relacionados à solidão no empreender, o medo da saída de empregados e o medo do sucesso. Quanto à *utilização da emoção no gerenciamento*, terceira categoria de análise, os discursos das empreendedoras evidenciaram o uso da emoção no relacionamento com empregados e clientes. Relacionado à essa questão, as empreendedoras valorizaram positivamente a emocionalidade na gestão de suas empresas (Machado, 2006).



Já a quarta dimensão de análise tratou da *relação da emoção com os estágios de desenvolvimento dos negócios*. Nesse nível foi percebida uma variação com a constatação de que a realização e a satisfação incidiram nas empreendedoras de maior tempo de atividade, numa perspectiva de otimismo e confiança no trabalho. Por outro lado, as de menor tempo de experiência apresentaram níveis de otimismo menores associados à falta de confiança. Ou seja, na fase de crescimento houve presença dominante de cansaço, stress, nervosismo, tensão, excitação e alegria, enquanto que, após o crescimento, sentiram calma, serenidade, orgulho e segurança. Por fim, o *conflito entre racionalidade e emoção* foi a quinta categoria de análise. Esta se traduz no conflito percebido entre demandas do papel empreendedor e da vida pessoal e familiar. Este conflito teve forte manifestação no discurso das empreendedoras quando estas se referiam a sonhos que nem sempre era possível conciliar com a realidade (Machado, 2006).

Jonathan e Silva (2007) relatam estudo com 49 empreendedoras em situações conflituosas com estratégias para buscar soluções. A análise de conteúdo das entrevistas revelou três categorias de conflitos: no espaço do trabalho; entre demandas familiares e profissionais; e entre demandas do trabalho e pessoais. As formas de lidar com estas demandas conflitantes incluíram a auto-organização do tempo, o estabelecimento de parcerias e cumplicidade, e uso de dispositivos de alívio de tensão.

Temática semelhante de estudo foi abordada por Lindo *et al.* (2007) que analisaram o equilíbrio entre questões da vida pessoal e profissional de vinte proprietárias de creches e bufês da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Neste estudo as autoras também utilizaram entrevistas em profundidade para a coleta de dados e uma perspectiva interpretativa na análise. Entre os resultados destacam-se: a flexibilidade de horário como um benefício citado pelas mulheres empreendedoras em suas vidas profissionais; a busca de parcerias e sociedades, em especial com cônjuges, para complementar competências como, por exemplo, as de natureza de gestão do empreendimento; uma constante preocupação e dedicação ao negócio, mesmo em momentos de lazer ou férias; e sobrecarga de trabalho ou estresse devido à dificuldade de delegação de tarefas, compensados por uma competência em processar vários assuntos ao mesmo tempo que a maioria diz possuir.



As empreendedoras informaram sentir-se profissionalmente realizadas, sendo que o sentimento de realização decorre mais *da satisfação do cliente e a independência financeira - menos do que o desejo por lucros ou crescimento do negócio [...] e as ajudam a superar dificuldades e assumir plenamente as responsabilidades inerentes ao negócio* (Lindo *et al.*, 2007: p. 12).

Silveira e Gouvêa (2008) investigaram as características e entendimentos sobre sucesso e estratégia de quinze mulheres integrantes de uma associação empresarial em Santa Catarina. O conteúdo das entrevistas foi analisado e revelou resultados muito semelhantes a estudos anteriores. Entre eles destacam-se a idade entre 33 e 54 anos das empreendedoras, que são na maioria casadas, com formação em nível superior e com filhos. Elas relataram cargas de trabalho superior a nove horas, sendo responsáveis por 50% do orçamento familiar. Por fim, as empreendedoras se consideram bem-sucedidas e entendem a estratégia como uma necessidade de conhecimento sobre o negócio e dedicação à empresa.

As políticas públicas de estímulo ao empreendedorismo feminino foram analisadas por Natividade (2009). Tomando como marco a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres no governo federal em 2003, a autora identificou a realização de seis programas governamentais direcionados ao fomento da ação empreendedora feminina com foco em capacitação, apoio técnico e financiamento. Para Natividade (2009), houve um descompasso entre a crescente participação das mulheres na economia e o baixo envolvimento de outros órgãos de governo em programas transversais de apoio ao empreendedorismo feminino. Segundo ela:

[...] não basta a criação de uma secretaria com a finalidade de mediar, articular e negociar políticas contemplativas ao anseio dessa parcela populacional, se outros participantes do cenário político não estiverem sensíveis em unir forças à secretaria em questão, no fortalecimento das propostas apresentadas por esse novo órgão com tamanha responsabilidade (p. 252).

Martins *et al.* (2010) realizaram estudo múltiplo de casos com quatro empreendedoras com o objetivo de identificar as características pessoais de empreendedoras relativas à sua origem, trajetória educacional, experiência profissional e vida pessoal, bem como descrever os seus papéis em pequenas empresas. O estudo revelou que o exercício do papel empreendedor impactou a vida



pessoal dessas mulheres e, além disso, elas caracterizaram-se pela determinação em atingir objetivos, alcançar metas e superar dificuldades.

O fortalecimento da atuação de empreendedoras do setor de confecções por meio da ação de uma associação de mulheres de negócios foi explorado por Greatti, Machado e Oliveira (2010). Para isso, as autoras entrevistaram dez mulheres que detinham pelo menos 50% do capital de empresas das quais tinha sido as criadoras há pelo menos um ano. As entrevistas buscaram informações sobre o envolvimento das empreendedoras na associação de mulheres de negócios e suas percepções quanto à contribuição desta participação na melhoria da atuação enquanto empreendedoras e para o crescimento da empresa.

Os resultados evidenciaram uma baixa contribuição da participação das empreendedoras para melhorias, seja em termos de crescimento de negócios, seja em relação ao exercício do papel empreendedor. Esta conclusão levou as autoras a questionarem a efetividade da participação em redes como meio de melhoria no desempenho empreendedor e de negócios para as mulheres. No entanto, elas ressaltam que, no caso analisado, a associação não conseguiu se institucionalizar efetivamente, tendo baixa adesão e comprometimento das mulheres empreendedoras do entorno.

Uma rara perspectiva crítica é encontrada na análise que Bulgacov *et al.* (2010) realizaram de dados secundários, de diversas fontes, sobre a atuação empreendedora feminina no Brasil. Considerando as informações da Pesquisa GEM no período de 2001 a 2007, as autoras contrapõem o crescimento da presença da mulher no empreendedorismo feminino à precarização das condições de trabalho. Nessa análise, Bulgacov *et al.* (2010) formulam sugestões de políticas públicas que permitam superar a situação que surge da análise dessas autoras:

Pode-se afirmar que a mulher empreendedora brasileira está apenas reagindo ao meio em busca do atendimento às suas necessidades, e não se encontra, ainda, em condição de pró-agir, característica da ação empreendedora, a qual possui componentes de consciência, imaginação, criatividade e inovação, constituindo o empreendedorismo por oportunidade (p. 347).

A participação das empreendedoras em redes, tais como associações empresariais, pode trazer benefícios tanto para elas, quanto para suas empresas. Machado e Jesus (2010) analisaram este fenômeno por meio de um estudo baseado



em entrevistas com seis mulheres que foram dirigentes e associadas do Conselho de Mulheres Executivas de Campo Mourão, parte da Associação Comercial e Industrial de Campo Mourão (ACICAM) no Paraná. Foi entrevistado, também, um ex-presidente da ACICAM, além de terem sido analisados dados documentais da rede analisada. A análise de conteúdo efetuada permitiu identificar efeitos positivos da participação no Conselho de Mulheres Executivas, tais como: aumento da capacidade de comunicação; melhor visão gerencial e de negócios; ampliação da visão de mercado; maior capacidade de identificação de oportunidades; incremento em parcerias; inserção em outras redes; e crescimento das empresas.

Os mesmos autores analisaram a institucionalização desse Conselho de Mulheres Executivas (Jesus, & Machado, 2011). Com base nos mesmos informantes e documentos, Jesus e Machado (2011) apontaram que: a formalização do conselho propiciou mais conhecimento às empreendedoras; maior visibilidade das empresas foi obtida durante a fase de consolidação do conselho; e, por fim, a institucionalização do conselho permitiu o fortalecimento da identidade empreendedora de suas associadas. Entretanto, um enfraquecimento do conselho levou a um processo de desinstitucionalização, acarretando distanciamento e desligamento de associadas.

A inserção das empreendedoras em redes e seus efeitos sobre o exercício do papel empreendedor voltou a ser abordado por Leal e Machado (2012), com objetivo semelhante ao estudo de Machado e Jesus (2010), envolvendo um número maior de respondentes, 26 participantes do Conselho da Mulher Empresária nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa, Foz do Iguaçu, Londrina, Maringá e Campo Mourão. Os resultados foram muito semelhantes. Os efeitos para as empresas incluíram maior divulgação, ações de reciprocidade, maiores vendas e troca de experiências. No exercício do papel empreendedor foi observado aumento de visibilidade, crescimento do respeito profissional, ampliação dos contatos e do conhecimento gerencial.

O caso de uma jovem empreendedora de uma cidade do norte do Paraná foi estudado por Teixeira *et al.* (2011) para explorar os fatores que influenciaram sua trajetória empreendedora iniciada aos treze anos. Os resultados apontaram para uma influência familiar muito significativa, a partir da experiência da mãe e apoio do pai, bem como atributos de personalidade da jovem empreendedora que incluem: determinação, criatividade, desejo de independência aliados à busca da aprendizagem continuamente e utilização de redes de relacionamento.



Em Jonathan (2011), encontra-se uma síntese de estudos realizados pela autora e publicados entre 2003 e 2007. A partir da indagação freudiana (“Afinal, o que querem as mulheres?”), Eva Jonathan reflete sobre a relação das empreendedoras com o poder, focando os desafios e consequências do exercício do papel empreendedor e as características do poder exercido pelas mulheres enquanto empreendedoras. Partindo da compreensão das empreendedoras, a pesquisadora entrevistou ao longo de dez anos, 149 mulheres que empreenderam no Rio de Janeiro. A maioria criou e dirigia empresas e 10% eram empreendedoras sociais. O perfil das empreendedoras revelou ser de mulheres maduras, com mais de 45 anos, com escolaridade de nível superior, casadas, com dois filhos em média e alto envolvimento com seus empreendimentos, com dedicação de dez horas diárias.

As conclusões da reflexão de Jonathan (2011) dirigiram-se para dois eixos de análise. No primeiro, a motivação para empreender das mulheres reflete a proatividade na busca de autorrealização e independência ou estabilidade financeira (p. 82). Em segundo lugar, no que diz respeito ao exercício do poder, a conclusão da autora é que *as empreendedoras exercem uma liderança compartilhada, baseada em parcerias internas e externas, sendo central a atividade de construção de redes sociais* (p. 83).

As representações sociais de empreendedoras a respeito do significado de ser mulher no mundo dos negócios foi objeto de estudo de Cramer *et al.* (2012). Nesse sentido, o estudo focou o processo de construção e reconstrução da identidade empreendedora por quatro mulheres. As informações obtidas por meio de entrevistas foram exploradas pelo método de análise de discurso, que procurou interpretar o sentido da linguagem, ou seja, os significados das instruções para explicar as intenções que afloraram nos enunciados elaborados pelas entrevistadas.

Em síntese, os autores evidenciam uma predominância de valores relacionados à cooperação e relacionamentos na condução dos empreendimentos pelas mulheres e que a construção da identidade enquanto mulher de negócios tem refletido na relação com os maridos e filhos, levando a uma redefinição de papéis no âmbito familiar, superando cobranças familiares que surgem com a concorrência da atividade laboral com a dedicação à família.

As trajetórias e desafios de duas mulheres empreendedoras são brevemente descritas e analisadas em Machado (2013). Embora não haja apresentação de



procedimentos do estudo, depreende-se que o texto é baseado em entrevistas com as duas mulheres e as narrativas permitiram à autora apontar que, nos dois casos, houve a presença do enfrentamento de risco com ousadia e práticas de valorização da equipe e participação em associações, revelando um traço forte de liderança. Em termos de desafios, sobressaíram-se a busca do equilíbrio entre trabalho e família, e o estresse na ação empreendedora.

O discurso de seis empreendedoras participantes de um concurso organizado pela *Business Professional Women* (BPW) – Associação de Mulheres de Negócios – de Londrina, no Paraná, foi analisado por Menezes e Oliveira (2013) para descrever a representação social que estas manifestaram. As informações foram obtidas nos relatos escritos por essas mulheres de negócios publicados em uma coletânea de histórias de sucesso publicada por esta associação em 2004. Usando a análise de discurso, as autoras revelaram aspectos comuns presentes nas narrativas da história de cada mulher, apesar das muitas diferenças em termos de origem, área de atuação e porte das empresas. Assim, segundo as autoras, foi possível identificar a existência de dois percursos figurativos antagônicos, marcados, de um lado, por muitas dificuldades e, por outro, de superações e conquistas. Já os percursos semânticos foram constituídos pelas condições familiares, qualificação profissional e relações interpessoais.

Assim como em Menezes e Oliveira (2013), narrativas de histórias empreendedoras também foram utilizadas por Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014) para identificar as dificuldades enfrentadas por 86 mulheres que participaram do Prêmio SEBRAE Mulher de Negócios de Santa Catarina em 2010. Uma análise interpretativista das narrativas permitiu às autoras revelar que, semelhantemente a estudos prévios da literatura nacional e estrangeira, as principais dificuldades se relacionaram a aspectos sociais e culturais, tais como, a percepção da falta de confiança nelas por parte de fornecedores e clientes, e conflitos pessoais na conciliação da vida familiar e empresarial. Além disso, dificuldades sobre aspectos financeiros e de mercado foram também reveladas nas histórias dessas mulheres.

O único estudo dedicado à compreensão de características empreendedoras em mulheres que atuam de forma coletiva foi realizado por Melo *et al.* (2013). Entrevistas com dez mulheres rendeiras, integrantes da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana em Ilha Grande, Piauí, permitiram que os pesquisadores



revelassem as características do comportamento empreendedor dessas mulheres, conforme o modelo de McClelland. Em síntese, as entrevistas permitiram aos autores identificar que essas mulheres rendeiras apresentam características de atuação consistentes nas dimensões de realização, planejamento e poder o que tem permitido a elas gerarem renda e manterem ativa a associação que integram.

Em Ferreira e Nogueira (2013) encontra-se estudo sobre a subjetividade de mulheres empreendedoras. Para os autores, a subjetividade se constitui como uma configuração de sentidos subjetivos que se originam nos planos individual e social, e é formada pela ação de diferentes forças que se transformam continuamente nas trajetórias individuais. Adotando um conjunto de procedimentos desenhados especialmente para revelar os indicadores de sentido, os resultados indicaram que a configuração subjetiva do empreendedorismo para as mulheres apoiou-se em sentidos subjetivos relacionados às suas trajetórias, ao contexto atual e à cultura dentro da qual a atividade é desenvolvida.

Por fim, os autores sugerem que o empreendedorismo aparece como uma característica individual cuja gênese está na infância. Ressaltaram, ainda, que a fundação da empresa foi um evento marcante nas trajetórias das mulheres e o exercício de múltiplos papéis, com uma mistura de lares e negócios na vida das empreendedoras, ponto frequentemente citado em outros estudos sobre empreendedorismo feminino.

O desenvolvimento e aplicação do teste de complemento de frases foram descritos por Ferreira, Rese e Nogueira (2013). Este teste é apresentado como uma ferramenta que pode ser útil na realização de estudos qualitativos a partir dos pressupostos da teoria sócio-histórica. Tendo como suporte teórico a teoria da subjetividade de González-Rey, que trata da relação dialética entre polos interno-externo, intra-intersubjetivo, o teste de complemento de frases auxilia na compreensão da subjetividade individual e social, que se articulam em configurações subjetivas. Na aplicação exemplificada pelas autoras, os resultados reforçaram as conclusões de Ferreira e Nogueira (2013), apontando a imbricação entre família e negócio, com o empreendedorismo tendo um caráter não maniqueísta e um fim em si mesmo.

Strobino e Teixeira (2014) relatam os resultados de estudo com duas empreendedoras do comércio de material de construção em Curitiba, PR. O foco do



estudo foi descrever os tipos de conflitos trabalho-família enfrentados e as ações tomadas para lidar com eles. A lógica do estudo foi baseada na ideia de que um menor número de conflitos aumenta o bem-estar das empreendedoras que, por sua vez, acarreta um melhor desempenho do empreendimento. Informações coletadas em entrevistas com as mulheres e seus cônjuges mostraram que os conflitos foram de três naturezas: tempo dedicado à família e ao empreendimento; tensões surgidas no exercício dos papéis de empreendedora e mulher (mãe e esposa); e ambiguidades de comportamento em face às expectativas de trabalho e família. Em síntese, como apontado pelas autoras, em concordância com estudos anteriores da literatura, conflitos originados pelo fator tempo foram os mais comuns e a ação mais adotada pelas empreendedoras foi a busca de um controle emocional como atenuante destes conflitos.

O texto mais recente é o de Bomfim e Teixeira (2015) que investigou desafios enfrentados por quatro empreendedoras do setor de turismo no planejamento e gestão de seus empreendimentos e a utilização de redes de relacionamento para enfrentá-los. A estratégia de estudo de caso múltiplos revelou que essas mulheres relataram dificuldades em termos de planejamento, marketing, finanças e recursos humanos e se apoiaram tanto em laços fortes, quanto em laços fracos na busca de soluções e estratégias. Segundo as autoras, essas redes de relacionamentos foram fundamentais para a manutenção e crescimento das empresas.

ESTUDOS QUANTITATIVOS

Barros, Palhano e Machado (2003) obtiveram informações com 183 empreendedoras cujas empresas estavam sediadas em cinco municípios do norte do Paraná. Um levantamento por meio de questionário, nessa amostra por adesão, permitiu coletar dados sobre o perfil das empreendedoras, das empresas e aspectos do gerenciamento dos empreendimentos. O estudo foi de caráter descritivo e apontou que as respondentes são na maioria casadas, com alto grau de escolaridade formal, já tinham tido experiência como empregadas ou em outros negócios e respondiam por 50% do orçamento doméstico (p. 55-59). Por outro lado, o perfil das empresas predominante foi de pequeno porte, tendo sido criadas com baixo capital inicial. Por fim, as empreendedoras, em sua maioria, têm relacionamentos externos com



associações e redes de negócios, mas enfrentam dificuldades no gerenciamento de suas empresas, apontando a necessidade de treinamento para superá-las (p. 64-65).

A partir de informações coletadas com 18 empreendedoras da cidade de Medianeira-PR, Heinzmann, Fischborn e Hoeltbaum (2003) evidenciaram que as empresas, cuja criação havia sido precedida por alguma forma de estudo de viabilidade ou plano de negócio, tendiam a apresentar melhor desempenho econômico-financeiro. Este foi o primeiro estudo que tratou de plano de negócio na literatura brasileira sobre empreendedorismo feminino no Brasil. Todavia, foi um estudo com medidas baseadas unicamente em informações prestadas pelas respondentes, de natureza descritiva, cujos resultados restringem-se às empreendedoras que compuseram a amostra da pesquisa.

Outro estudo de natureza descritiva foi o desenvolvido por Gomes (2004). Neste trabalho, a autora apresenta os resultados da aplicação de um questionário junto a cem empresárias da cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, com a intenção de descrever o perfil empreendedor dessas mulheres. Este perfil foi construído pela autora com base em revisão da literatura e era composto por vinte fatores agrupados em cinco variáveis: Necessidades pessoais (atualização, correr riscos calculados, inovação e autoconfiança); Habilidades e conhecimentos de negócios (perseverança, sensibilidade empresarial e visão ampliada do negócio); Habilidades e conhecimentos gerenciais (exigência de qualidade e eficiência; autodisciplina, bom senso; capacidade de adaptação, estabelecimento de metas, planejamento e monitoramento sistemáticos); Habilidades e conhecimentos técnico (identificação com o trabalho, talento e comprometimento); e Habilidade de relacionamento interpessoal (administração participativa, integridade, liderança e rede de contatos).

Embora, não haja uma descrição detalhada dos aspectos que integram cada um dos vinte fatores, Gomes (2004) verificou que os fatores *"integridade"*, *"comprometimento"*, *"exigência de qualidade e eficiência"*, *"identificação com o trabalho"*, *"visão ampliada do negócio"* e *"bom senso"* ficaram entre os mais pontuados, ou seja, obtiveram mais de 90% dos pontos possíveis (p. 223). Esse resultado veio da aplicação de uma escala de cinco pontos, variando de nunca (1) até sempre (5), por meio da qual as respondentes avaliaram seus comportamentos empreendedores. A autora aponta que seus resultados, apesar das limitações inerentes à forma de coleta dos dados, contribuíram para uma reflexão sobre as



semelhanças e diferenças do perfil empreendedor das mulheres conquistenses em relação ao proposto pela literatura.

A perspectiva das configurações foi adotada por Lima e Freitas (2010) com o objetivo de verificar a relação de variáveis relacionadas a gênero, personalidade, recursos pessoais, atividades organizacionais e contexto ambiental, com o desempenho financeiro de empreendedores informais. Informações obtidas com 406 empreendedores que participaram de um programa de microcrédito do banco do Nordeste revelaram associações entre as variáveis que se diferenciaram quando o gênero foi incluído na análise. Proporcionalmente, mulheres tiveram pior desempenho do que homens. E, no caso das mulheres, aquelas que tiveram melhor desempenho eram as que faziam maior uso de laços fortes de relacionamento (pais, parentes, amigos) na busca de apoio na atividade empreendedora.

A comparação entre empreendedoras e empreendedores no que diz respeito à imersão e uso de redes sociais para criação e desenvolvimento de empresas foi analisada por Vale, Serafim e Teodósio (2011). Em estudo original que incluiu o desenvolvimento de várias medidas, as autoras coletaram dados com 178 empreendedores, dos quais 64 eram mulheres. O estudo revelou semelhanças entre mulheres e homens, mas também algumas diferenças significativas. Alta escolaridade, fatores de sucesso e atribuição de maior importância às relações profissionais foram aspectos comuns e independentes de gênero. Por outro lado, as empreendedoras recorreram mais fortemente a laços mais próximos (fortes) para a obtenção de informações e suporte. Outra diferença significativa encontrada foi a amplitude das redes sociais utilizadas por homens e mulheres. Para estas, a diversidade de conexões foi significativamente menor do que a dos homens. Neste trabalho, Vale, Serafim e Teodósio (2011) trazem apontamentos importantes para a compreensão das diferenças no processo de criação de empresas por mulheres que podem inspirar novos estudos.

As dificuldades enfrentadas por empreendedoras do setor de confecções no Paraná e suas relações com o capital inicial e época de criação da empresa foram analisadas por Fabrício e Machado (2012). Dados obtidos em questionário respondido por 102 empreendedoras nas cidades de Maringá e Cianorte evidenciaram que, em uma escala de 10 pontos, as principais dificuldades enfrentadas foram: encontrar funcionários qualificados; falta de experiência gerencial; falta de formação específica;



e dificuldade de acesso a capital inicial. Por outro lado, entre as menos relevantes encontraram-se: medo de deixar o emprego; preconceito de gênero; e dificuldades para encontrar sócio. A análise da relação entre dificuldades para iniciar a empresa com capital inicial e tempo de existência das empresas feita pelos autores não foi objeto de nenhum teste de significância. Assim, as conclusões do estudo nesse aspecto são muito limitadas.

De forma descritiva, os dados revelaram que, para todas as faixas de capital, as principais dificuldades foram relacionadas à falta de pessoal qualificado e falta de experiência geral. Por outro lado, os resultados demonstraram que houve pouca diferença entre as dificuldades relatadas pelas empreendedoras que estavam há mais tempo no mercado e as mais novas. Para as mais novas, falta de experiência gerencial não foi uma dificuldade, enquanto que para as mais experientes esta foi a dificuldade mais fortemente presente (Fabrício; Machado, 2012).

Machado, Gazola e Anez (2013) apresentam os resultados de pesquisa com 96 empreendedoras de Natal, RN, com o objetivo de compreender as razões e dificuldades encontradas por mulheres para a criação de suas empresas, bem como a associação destas variáveis com capital inicial, idade das empreendedoras, estado civil, ocupação anterior e ano de criação da empresa. As principais razões relatadas para a abertura das empresas foram: ganhar dinheiro e insatisfação com o trabalho anterior. No que diz respeito às dificuldades enfrentadas, sobressaíram-se falta de experiência no ramo, cuidado com filhos pequenos, falta de tempo para participar em redes, dificuldade na obtenção do capital inicial e falta de apoio da família. Tanto as razões para empreender quanto as dificuldades enfrentadas não apresentaram associações significativas com montante do capital inicial, idade das empreendedoras e o ano de criação.

A relação entre empreendedorismo feminino e precarização do trabalho foi investigada por Vasconcellos e Delboni (2015). A partir de dados coletados por meio de um levantamento junto a 110 mulheres empreendedoras do estado de São Paulo, os pesquisadores foram capazes de identificar o grau de precarização de trabalho dessas mulheres e a motivação para empreender (oportunidade x necessidade). O grau de precarização do trabalho foi medido de forma dicotômica a partir da identificação da presença dos seguintes critérios na atuação empreendedora dessas mulheres: a) jornada de trabalho superior a 44 horas semanais; b) trabalho frequente



aos finais de semana; c) rendimento médio mensal inferior a 1,5 salário mínimo; d) férias inferiores a duas semanas no último ano; e) execução de tarefas predominantemente operacionais na rotina empresarial; f) sentimento frequente de depressão e/ou ansiedade em decorrência do trabalho; g) necessidade de uma fonte alternativa de renda para subsistência; e h) ausência de um plano de previdência privada ou recolhimento de INSS.

Os resultados mostraram que, independente da motivação para empreender, as empreendedoras apresentaram um grau de precarização do trabalho próximo a 60%. Além disso, entre os critérios usados para a construção desse índice, três se destacaram como fortemente presentes na ação empreendedora dessas mulheres. Mais de 70% das empreendedoras informaram uma jornada de trabalho superior a 44 horas semanais, ausência de um plano de previdência privada ou recolhimento de INSS e período de férias inferior a duas semanas no último ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função do crescimento do campo de pesquisa em administração no Brasil e ampliação do número de programas de pós-graduação, eventos e periódicos, os pesquisadores brasileiros têm mobilizado esforços para produzir sínteses e revisões que apontem os avanços em relação a uma temática específica. Alinhado a este momento o objetivo desse texto foi apresentar um panorama do surgimento e formação dos estudos sobre empreendedorismo feminino no Brasil. A partir de várias fontes de informação, foi possível identificar os primeiros estudos publicados em periódicos brasileiros sobre o tema, podendo-se afirmar que sua gênese se dá no começo deste século com predominância de estudos de natureza qualitativa.

Aliás, esta abordagem de pesquisa mostrou ser dominante no campo, sendo adotada pela grande maioria dos estudos analisados. De fato, apenas oito artigos usaram métodos quantitativos de análise do empreendedorismo feminino. Ainda assim, pode-se observar que as análises de cunho quantitativo desse tema são de natureza descritiva, com pouca utilização de ferramentas estatísticas mais sofisticadas. Por outro lado, conforme relato de Gomes *et al.* (2014), na literatura estrangeira, especialmente a partir dos anos 1990, predominam estudos quantitativos com uma diversidade maior de métodos de análise.



O predomínio de abordagens interpretativistas no estudo do empreendedorismo feminino no Brasil associa-se a um forte interesse sobre o entendimento dos significados que as empreendedoras estudadas atribuem a diversos aspectos da ação empreendedora. Entre estes ganham destaque: a percepção do exercício do papel empreendedor e sua importância, dificuldades enfrentadas e resultados obtidos. Inicialmente, os estudos focavam, em sua maioria, nas motivações para empreender, tendo evoluído para um leque mais amplo de dimensões de análise relacionadas ao empreender feminino. Um aspecto muito frequente nos resultados de vários estudos foi a presença de conflitos relacionados aos múltiplos papéis exercidos pelas empreendedoras, especialmente no que diz respeito ao equilíbrio de atividades de negócios e do lar. A realização de estudos comparativos entre empreendedoras e profissionais não empreendedoras permitirá compreender melhor se este conflito é específico das empreendedoras ou reflete a condição feminina em geral em nosso país.

Mais recentemente, a atenção das pesquisadoras do campo no Brasil tem se voltado para o entendimento das relações sociais e do convívio em redes como aspectos centrais do exercício do empreendedorismo feminino. Essa dimensão social do fenômeno tem sido explorada em termos de contribuições para o significado do que seja empreender para as mulheres, e em relação aos benefícios gerados para os empreendimentos.

Do ponto de vista de campo de pesquisa, o tema ainda não se consolidou como um espaço de investigação sistemática para a maioria das pesquisadoras que relataram investigações no Brasil. Com exceção de Hilka Vier Machado, que tem produzido regularmente neste tema, poucos produziram mais de um texto no período. Contudo, o tema continua atraindo a atenção e sendo objeto de estudos. À época de encerramento deste texto, encontraram-se mais seis artigos publicados em 2016, número que se iguala à média de publicações nos últimos cinco anos.

Um aspecto pouco explorado nos estudos analisados é a questão do fomento ao empreendedorismo feminino. Somente um estudo foi encontrado tratando desse tema. Considerando as peculiaridades do empreendedorismo feminino salientadas em diversos estudos, pode-se sugerir que este seja um tema a ser mais profundamente explorado pela comunidade de pesquisadores no campo do empreendedorismo feminino.



A reflexão teórica sobre o empreendedorismo feminino foi uma lacuna observada. Poucos estudos tentam formular proposições mais gerais sobre o que é o empreendedorismo feminino, como ele acontece, por que acontece e com quais resultados. Nesse sentido, uma sugestão de estudo futuro que se apresenta é a realização de meta-análises dos estudos brasileiros procurando estruturar o que se aprendeu com as investigações sobre este tema no Brasil.

Aliás, Gomes *et al.* (2014), em análise mais ampla da literatura estrangeira e nacional sobre empreendedorismo e gênero, apontaram que esta literatura se ressentia do desenvolvimento de teorias. Pode ser que, ao realizar este esforço, esta análise ajude a reforçar as conclusões de Jennings e Brush (2013) que ressaltam três aspectos do empreendedorismo. Primeiro que este é um fenômeno altamente influenciado por gênero. Segundo, o empreendedorismo é um processo que ocorre incrustado em um contexto de família. E, terceiro, empreendedoras e empreendedores frequentemente buscam objetivos que vão além dos ganhos econômicos.

Ademais, pode-se, também, explorar as contribuições brasileiras sobre o empreendedorismo feminino, comparando-as com estudos realizados em outros contextos. Quase nada foi encontrado nesse sentido na literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

Allen, S., & Truman, C (Editors) (1993). *Women in business - perspectives on women entrepreneurs*. London: Routledge.

Alperstedt, G. D., Ferreira, J. B., & Serafim, M. C. (2014). Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, 16(40): 221-234.

Barros, G. V., Palhano, D. Y. M., & Machado, H. V. (2003). Conhecendo a empreendedora norte paranaense: perfil, porte das empresas e dificuldades de gerenciamento. *Caderno de Administração UEM*, 11(1): 51-67.



Bomfim, L. C. S., & Teixeira, R. M. (2015). Empreendedorismo feminino: desafios enfrentados por empreendedoras na gestão de pequenos negócios no setor de turismo. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(2):48-69.

Bowen, D., & Hisrich, R. (1986). The female entrepreneur: a career development perspective. *Academy of Management Review*. 11(2):393-407.

Bresser Pereira, L. C. (1964). Origens étnicas e sociais do empresário paulista. *Revista de Administração de Empresas*, 4(11): 83-106.

Bulgacov, Y. L. M., Camargo, D., Cunha, S. K., Meza, M. L., Souza, R. M. B., & Tolfo, S. R. (2011). Atividade empreendedora da mulher brasileira: trabalho precário ou trabalho decente? *Psicologia Argumento*, 28(63): 337-349.

Bulgacov, Y. L. M., Camargo, D., Meza, M. L. F. G., & Cunha, S. K. (2014). Conditions for female and young Brazilian entrepreneurs: common aspects for guiding policies for innovative ventures. *African Journal of Business Management*, 8: 89-100.

Carter, S., & Cannon. T. (1992). *Women as entrepreneurs*. London: Academic Press.

Cramer, L. *et al.* (2012). Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1):53-71.

Cramer, L., Cappelle, M. C. A., Andrade, A. L. S., & Brito, M. J. (2012). Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1): 53-71.

Cromie, S., & Hayes, H. (1988). Towards a typology of female entrepreneurs. *The Sociological Review*, 6(1): 87-113.

Fabício, J. S., & Machado, H. V. (2012). Dificuldades para criação de negócios: um estudo com mulheres empreendedoras no setor do vestuário. *Revista Gestão e Planejamento*, 12(3):515-529.



Ferreira, J. M., & Nogueira. E. E. S. (2013). Mulheres e Suas Histórias: Razão, Sensibilidade e Subjetividade no Empreendedorismo Feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(4):398-417.

Ferreira, J. M., Rese, N., & Nogueira. E. E. (2013). Empreendedoras escrevem a própria história: estudo realizado a partir do teste de complemento de frases. *Revista Gestão Organizacional*, v. 6, edição especial, 97-112.

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (Orgs). (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gimenez, F., Machado, H., & Biazin, C. (1998). A mulher empreendedora: um estudo de caso no setor de confecções. *Balas Proceedings*, 1:311-322.

Gomes, A. F, Silva, J. M., & Santana, W. G. P. (2005). Mulheres empreendedoras: desafios e competências. *Técnica Administrativa*, 4.

Gomes, A. F. (2004). O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: um estudo na cidade de Vitória da Conquista-Ba. *Revista Alcance*, 11(2): 207-226.

Gomes, A. F., Santana, W. G. P., Araújo, U. P., & Martins, C. M. F. (2014). Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 16(51): 319-342.

Greatti, L., Machado, H. V., & Oliveira, M. F. (2010). Empreendedoras e a atuação em redes. *Revista de Administração Faces Journal*, 10(4): 107-127.

Guarido Filho, E. R., Machado-Da-Silva, C. L., & Gonçalves, S. A. (2009). Institucionalização da teoria institucional nos contextos dos estudos organizacionais no Brasil. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 33, São Paulo. *Anais...* São Paulo.



Heinzmann, C. E., Fischborn, M. L. N., & Hoeltgebaum, M. (2003). Plano e viabilidade de negócios: uma análise do Conselho da Mulher Empreendedora do Município de Medianeira. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, 4(2):107-119.

Jennings, J. E., & Brush, C. G. (2013). Research on women entrepreneurs: challenges to (and from) the broader entrepreneurship literature? *The Academy of Management Annals*, 7(1):663–715.

Jesus, M. F., & Machado, H. V. (2011). A trajetória de um conselho de empreendedoras e sua institucionalização. *Revista Alcance*, 18(1): 94-107.

Jonathan, E. G. (2005). Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. *Psicologia em Estudo*, 10(3): 373-382.

Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, 23(1): 65-85.

Jonathan, E. G., & Silva, T. M. R. (2007). Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, 19(1): 77-84.

Lages, S. R. C. (2005). Desafios do empreendedorismo feminino: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda. *Estação Científica*, 0:1-7.

Leal, L. E. B. B., & Machado, H. V. (2012). Efeitos da participação de mulheres empreendedoras em associações de mulheres de negócio no estado do Paraná. *Redes*, 17(1): 217-231.

Lima, R. C. R., & Freitas, A. A. F. (2010). Personalidade empreendedora, recursos pessoais, ambiente, atividades organizacionais, gênero e desempenho financeiro de empreendedores informais. *Revista de Administração Pública*, 44(2):511-531.

Lindo, M. R., Cardoso, P. M., Rodrigues, M. E., & Wetzel, U. (2007). Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. *RAC – Eletrônica*, 1(1): 1-15.



Lunardi, R., & Almeida, J. A. de J. (2006). Turismo rural: a contribuição da mulher. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 5(2):157-168.

Machado, H. P. V. (1999). Tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora. In: Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 23. Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu.

Machado, H. P. V. (2000a). Empreendedoras e o preço do sucesso. *Revista de Estudos Organizacionais*, 1(2): 75-87.

Machado, H. P. V. (2002). *Identidade empreendedora de mulheres no Paraná*. 187p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - UFSC, Florianópolis.

Machado, H. P. V., Palhano, D. Y. M., & Barros, G. V. (2002). Mulheres empreendedoras e tipologias: implicações no campo de estudos do empreendedorismo feminino. *Caderno de Administração UEM*, 10(2): 35-49.

Machado, H. P. V., Gazola, S., & Anez, M. E. M. (2013). Criação de empresas por mulheres: um estudo com empreendedoras em Natal, Rio Grande do Norte. *Revista de Administração Mackenzie*, 14(5):177-200.

Machado, H. V. (2000b). Concepções do papel empreendedor por mulheres empresárias: estudo com mulheres paranaenses. *Temática Estudos de Administração*, 18:19-37.

Machado, H. V. (2006). Expressão emocional no exercício da atividade empreendedora por mulheres. *Organizações & Sociedade*, 13(38): 59-72.

Machado, H. V. (2013). Mulheres empreendedoras: relato de experiências, trajetórias e desafios. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 2(1):127-135.

Machado, H. V., & Jesus, M. F. (2010). Efeitos da participação de mulheres em redes sociais: um estudo em um conselho de mulheres executivas. *Revista Economia e Gestão*, 10(24): 9-27.



Machado, H. V., Gimenez, F. A. P., Gomes, V., Pelisson, C., Aligleri, L. A., & Aligleri, L. M. (2002). Female and male entrepreneurs managerial behaviour: a Brazilian study. *Management International*, 7(1):21-31.

Machado, H. V., St-Cyr, L., Mione, A., & Alves, M. C. M. (2003). O processo de criação de empresas por mulheres. *RAE - eletrônica*, 2(2): 1-22.

Marcovitch, J., Santos, S. A., & Dutra, I. (1986). Criação de empresas com tecnologias avançadas: as experiências do PACTO/IA-FEA-USP. *Revista de Administração*, 21(2): 3-9.

Martins, C. B., Crnkovic, L. H., Pizzinotto, N. K., & Maccari, E. A. (2010). Empreendedorismo feminino: características e perfil de gestão em pequenas e médias empresas. *Revista de Administração da UFSM*, 3(2):288-302.

Melo, A. do N., Matos, F. R. N., Machado, D. Q., & Bugarim, M. C. C. (2013). O comportamento feminino em empreendimentos coletivos: as rendeiras de Ilha Grande/PI. *Revista UNIABEU*, 6(14):156-172.

Menezes, R. S. S., & Oliveira, J. L. (2013). Análise do discurso de “mulheres de negócios” associadas à Business Professional Women. *Revista de Gestão REGE*, 20(4):425-440.

Moore, D., & Buttner, H. (1997). *Female Entrepreneurs: Moving Beyond the Glass Ceiling*, Sage Publications, Thousand Oaks, CA.

Nassif, V. M. J. *et al.* (2012). Women entrepreneurs: discussion about their competencies. *African Journal of Business Management*, 6:7694-7704.

Nassif, V. M. J., Andreassi, T., Tonelli, M. J., & Fleury, M. T. L. (2012). Women entrepreneurs: discussion about their competencies. *African Journal of Business Management*, 6: 7694-7704.

Natividade, D. R. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, 43(1): 231-256.



Oliveira, N. C., Struett, M. A. M., Borgonhoni, P., & Machado, H. P. V. (2004). A inserção da mulher empreendedora no mundo dos negócios. *Caderno de Administração UEM*, 12(2):47-61.

Peñaloza, V., Diógenes, C. G., & Souza, S. J. A. R. (2008). Escolha profissional no curso de administração: tendências empreendedoras e gênero. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(8):151-167.

Poggesi, S., Mari, M., & De Vita, L. (2015). What's new in female entrepreneurship research? Answers from the literature. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 12(3): 735-764.

Santos, S. A. (1984). A criação de empresas de tecnologia avançada. *Revista de Administração*, 19(4): 81-83.

Silva, J. V. A. (2006). A relação trabalho e família de mulheres empreendedoras. *Revista Perspectivas Contemporâneas*, 1(1):1-18.

Silveira, A., & Gouvêa, A. B. C. T. (2008). Empreendedorismo feminino: mulheres gerentes de empresas. *Revista de Administração Faces Journal*, 7(3):124-138.

Strobino, M. R. de C., & Teixeira, R. M. (2014). Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração*, 49(1): 59-76.

Teixeira, R. M. *et al.* (2011). Empreendedorismo jovem e a influência da família: a história de vida de uma empreendedora de sucesso. *REGE Revista de Gestão*, 18(1):3-18.

Teixeira, R. M., Ducci, N. P. C., Sarrassini, N. S., Munhê, V. P. C., & Duzzi, L. Z. (2011). Empreendedorismo jovem e a influência da família: a história de vida de uma empreendedora de sucesso. *REGE Revista de Gestão*, 18(1):3-18.

Vale, G. M. V, Serafim, A. C. F., & Teodósio, A. dos S. de S. (2011). Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes? *Revista de Administração Contemporânea*, 15(4): 631-649.



Vasconcellos, L. H. R., & Delboni, D. P. (2015). Empreendedorismo e precarização do trabalho: o desenvolvimento e a aplicação de uma estrutura para análise de empresárias no estado de São Paulo. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 4(1): 54-78.

Zampier, M. A. Takahashi, A. R. W., & Teixeira, R. M. T. (2011). Intraempreendedorismo feminino e desenvolvimento de competências empreendedoras: um estudo de caso com professoras de programas de mestrado e doutorado em administração de Curitiba-Pr. *Revista Economia & Gestão*, 11(25): 34-61.